

### TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

#### INFORMAÇÕES GERAIS

1. Você receberá do fiscal o material descrito a seguir:
  - a) uma folha destinada às respostas das questões objetivas;
  - b) este caderno de prova com oitenta questões objetivas e duas questões discursivas;
  - c) um caderno de respostas para as questões discursivas.
2. Verifique se o material está em ordem, se seu **nome, número de inscrição, cargo e especialidade** são os que aparecem na folha de respostas.
3. Ao receber a folha de respostas, é obrigação do candidato:
  - a) ler atentamente as instruções na folha de respostas;
  - b) assinar a folha de respostas.
4. As questões da prova são identificadas pelo número que se situa acima do seu enunciado.
5. O candidato deverá transcrever as respostas da prova para a folha de respostas, que será o único documento válido para a correção da prova.
6. O preenchimento da folha de respostas dar-se-á mediante a utilização de caneta esferográfica de tinta preta ou azul, sendo de inteira responsabilidade do candidato. Em hipótese alguma haverá substituição da folha de respostas por erro do candidato.
7. Esta prova terá a duração improrrogável de 5 (cinco) horas. Reserve os 20 (vinte) minutos finais para marcar a folha de respostas.
8. O rascunho do caderno não será levado em consideração.
9. O candidato somente poderá levar consigo o caderno de questões nos últimos 60 (sessenta) minutos da prova.
10. Ao terminar a prova, chame o fiscal de sala mais próximo, entregue a folha de respostas e deixe o local de prova.





## LÍNGUA PORTUGUESA

### Texto I

#### Constituição à brasileira

Vinte anos. Congresso superlotado, emoção quase palpável, o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, 71, muito à vontade, no auge da glória, expressão de felicidade no rosto altivo, termina vigoroso discurso. De pé, ergue os longos braços para exibir um livro de 292 páginas, capa verde-amarela, 245 artigos e 70 disposições transitórias, que chama de Constituição Cidadã, porque acha que recuperará como cidadãos milhões de brasileiros. “Mudar para vencer! Muda, Brasil!”, grita entusiasmado.

Foram 20 meses de muito poder, palco iluminado, pressão, choques, trabalho extenuante, abertura à participação popular. Esperava muito da Carta, seu maior feito. E também a Presidência da República.

De outubro a dezembro de 1988, em ambiente nacional de sinistrose e medo de hiperinflação, funcionou o chamado “pacto social”, reunindo governo, empresários, trabalhadores e, no fim, políticos. Espaço de diálogo e negociação. Deu certo. Os entendimentos foram essenciais para amenizar o impacto inicial da Constituição.

A convocação da Assembléia Nacional Constituinte ganhara força na reta final da ditadura. Tancredo Neves, candidato a presidente, prometera fazê-lo. Hábil, usava o compromisso para se desvencilhar de questões embaraçosas. Seu eventual mandato seria de quatro, cinco ou seis anos? “Será o que a Constituinte fixar.” Um dia, na intimidade, perguntei: “Seis anos, doutor Tancredo?”. “Muito”, respondeu. “Quatro?”. “Pouco.” Indispensável, mas também fonte de instabilidade, a Constituinte podia quase tudo. Quando foi instalada, fevereiro de 1987, o presidente Sarney me disse que, apesar de tema conjuntural, a duração de seu mandato ocuparia o centro das atenções. Tinha certeza de que iam politizar o assunto. Coisas da política, do poder e da paixão. Havia forte enxame de moscas azuis no Congresso Nacional, muitos presidenciáveis. Difícil governar com inflação alta, economia em baixa e um suprapoder em cima.

No Palácio do Planalto, inesgotável romaria de parlamentares, parte de nariz empinado, salto 15 ou mais, exalando poder e importância.

A questão do mandato realmente pegou fogo. Em 15/11/1987, um domingo, a Comissão de Sistematização votou quatro anos para Sarney. A terra tremeu no Plano Piloto. Final da manhã, telefonema do general Ivan de Souza Mendes, ministro-chefe do SNI. Está ansioso e preocupado. Pede que eu vá depressa ao Palácio da Alvorada, residência presidencial.

Meia hora depois, encontro lá o presidente Sarney, os ministros militares e muitos civis. Dia tenso, perigoso. Grande atividade, agitação, nervosismo. O presidente ouvia muito e falava pouco. Agüentou firme. Não arredou pé do compromisso democrático. Começo da noite, li nota à imprensa, em que ele reafirmava o respeito a todas as decisões que viessem a ser adotadas pela Constituinte. Inclusive eleições em 1988.

No final do processo, acirrada disputa da duração do mandato e do sistema de governo. Deu presidencialismo e cinco anos. Mas a alma parlamentarista ficou, como mostra, por exemplo, o instituto das medidas provisórias, inspirado no parlamentarismo italiano. Abundante remessa de matérias polêmicas para a legislação infraconstitucional permitiu

aprovar o texto definitivo em 23/9/1988. Conforme pesquisa do jurista Saulo Ramos, precisava de 289 leis de concreção, sendo 41 complementares.

A nova Carta serviu bem ao país? Críticos dizem que é irrealista, rica em contradições e ambigüidades, economicamente desequilibrada e anacrônica, excessiva em matérias e detalhes, mas repleta de lacunas. Que provocou o maior desastre fiscal da história brasileira, induzindo a disparada do déficit público, da dívida interna e da carga tributária.

Afirmam que as imperfeições sufocaram o Congresso. Citam o advento de 56 emendas, 69 leis complementares, além de milhares de propostas de emenda rejeitadas ou em tramitação.

Também exuberante demanda de interpretações ao STF e implacável bombardeio de medidas provisórias.

Aspas para Sarney: “Logo, logo se viu que a Constituição Cidadã criava mais direitos que obrigações, mais despesas que fontes de recursos. Um dos efeitos danosos foi a necessidade de emendá-la continuamente. A cada emenda, o governo se torna refém da parte menos nobre do Congresso.”

Ela fez bem à nação? Politicamente, sim. Completou a transição, é profundamente democrática, assegurou o Estado de Direito. Tem muitas virtudes. A mais abrangente de todas, trouxe avanços notáveis em campos como o dos direitos e das garantias individuais, liberdades públicas, meio ambiente, fortalecimento do Ministério Público, regras de administração pública, planejamento e Orçamento, nas cláusulas pétreas.

Seu coração, feito de democracia, de cidadania e de esperança, não perdeu a identidade.

(Ronaldo Costa Couto. Folha de São Paulo, 7 de outubro de 2008.)

### 1

A respeito da estrutura do texto, analise as afirmativas a seguir:

- I. Pode-se dividir o texto em duas macropartes, uma narrativa e outra dissertativo-argumentativa.
- II. Uma das macropartes pode ser subdividida em duas partes, construída com oposição de idéias.
- III. O tópico frasal do parágrafo de introdução é construído por declaração inicial.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (B) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (C) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (E) se todas as afirmativas estiverem corretas.

### 2

Com base na leitura do texto, **não** é correto afirmar que:

- (A) na visão do autor, a Constituição de 1988 tanto fez bem quanto fez mal à nação.
- (B) uma das grandes preocupações no cenário político da época foi a duração do mandato presidencial.
- (C) embora houvesse a vitória do presidencialismo, permaneceram aspectos do parlamentarismo.
- (D) é apontada como defeito da Constituição a necessidade de ser constantemente revista.
- (E) o processo constituinte durou vinte meses.

**3**

A palavra *presidenciáveis* (L.34), caso no singular, seria acentuada seguindo a mesma regra que:

- (A) glória (L.3).
- (B) Difícil (L.34)
- (C) diálogo (L.17)
- (D) déficit (L.67)
- (E) pétreas (L.86)

**4**

Assinale a alternativa em que, caso se tratasse de texto técnico, a grafia do numeral **não** estaria de acordo com a orientação do *Manual de Elaboração de Textos do Senado Federal*.

- (A) "...capa verde-amarela, 245 artigos..." (L.6)
- (B) "...deputado Ulysses Guimarães, 71..." (L.2-3)
- (C) "...precisava de 289 leis de concreção..." (L.60)
- (D) "...sendo 41 complementares." (L.61)
- (E) "e 70 disposições transitórias..." (L.6)

**5**

Assinale a alternativa em que a palavra indicada **não** tenha sido formada pelo mesmo processo que *suprapoder* (L.35).

- (A) desequilibrada (L.64)
- (B) superlotado (L.1)
- (C) economia (L.35)
- (D) infraconstitucional (L.58)
- (E) hiperinflação (L.15)

**6**

"Esperava muito da Carta, seu maior feito. E também a Presidência da República." (L.12-13)

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

- I. O termo "seu maior feito" funciona como aposto.
- II. O termo "a Presidência da República" funciona como sujeito de um verbo elíptico.
- III. O termo "muito" funciona como advérbio.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (B) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (E) se todas as afirmativas estiverem corretas.

**7**

"Críticos dizem *que* é irrealista, rica em contradições e ambigüidades, economicamente desequilibrada e anacrônica, excessiva em matérias e detalhamentos, mas repleta de lacunas. *Que* provocou o maior desastre fiscal da história brasileira, induzindo a disparada do déficit público, da dívida interna e da carga tributária." (L.62-68)

As duas ocorrências da palavra QUE no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

- (A) conjunção integrante e conjunção integrante.
- (B) conjunção subordinativa e conjunção integrante.
- (C) conjunção integrante e conjunção subordinativa.
- (D) pronome relativo e conjunção subordinativa.
- (E) conjunção subordinativa e pronome relativo.

**8**

Assinale a alternativa que apresente a correta definição de *sinistrose* (L.15).

- (A) Esquerdismo, tendência a realizar discursos panfletários.
- (B) Estado de indivíduo em obscuridade de idéias e atitudes.
- (C) Visão casuística do mundo e do comportamento social dos indivíduos.
- (D) Desarticulação política que leva à impossibilidade de alianças.
- (E) Pessimismo de um indivíduo ou de um grupo social.

**9**

Assinale a alternativa em que se tenha correta passagem para o plural da forma *capa verde-amarela* (L.6), alterando-se a cor.

- (A) capas cinzas-chumbo
- (B) capas amarelo-canários
- (C) capas cinza-claro
- (D) capas rosa-claras
- (E) capas azuis-bebês

**10**

"Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*", grita entusiasmado." (L.8-9)

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

- (A) Não mudas, Brasil!
- (B) Não mudais, Brasil!
- (C) Não mudai, Brasil!
- (D) Não mudeis, Brasil!
- (E) Não mudem, Brasil!

**11**

"*Foram* 20 meses de muito poder..." (L.10)

Assinale a alternativa em que, alterando-se a forma grifada acima, não se manteve adequação à norma culta.

- (A) Há 20 meses de muito poder...
- (B) Fazem 20 meses de muito poder...
- (C) Havia 20 meses de muito poder...
- (D) São 20 meses de muito poder...
- (E) Completam 20 meses de muito poder...

**12**

"Abundante remessa de matérias polêmicas para a legislação infraconstitucional permitiu aprovar o texto definitivo em *23/9/1988*." (L.57-59)

Assinale a alternativa em que a forma de representação da data grifada acima esteja igualmente de acordo com o *Manual de Elaboração de Textos do Senado Federal* quando trata da grafia de numerais em textos técnicos.

- (A) 23.9.1988
- (B) 23-09-1988
- (C) 23/09/1988
- (D) 23-9-1988
- (E) 23.09.1988

**13**

“Que provocou o maior desastre fiscal da história brasileira, induzindo a disparada do déficit público, da dívida interna e da carga tributária.” (L.65-68)

No trecho acima, em relação às ocorrências de complemento nominal, é correto afirmar que há:

- (A) três.
- (B) quatro.
- (C) duas.
- (D) uma.
- (E) zero.

**14**

Assinale a alternativa em que não se encontre um sinônimo para *implacável* (L.74).

- (A) inexorável
- (B) imitigável
- (C) alhanável
- (D) inclemente
- (E) ferrenho

**15**

“Um dos efeitos danosos foi a necessidade de emendá-la continuamente. A cada emenda, o governo se torna refém da parte menos nobre do Congresso.” (L.77-79)

O trecho acima faz parte da fala de Sarney, em discurso direto. Assinale a alternativa em que tenha havido correta transposição para o discurso indireto.

- (A) Sarney afirmou que um dos efeitos danosos foi a necessidade de emendá-la continuamente e que, a cada emenda, o governo se torna refém da parte menos nobre do Congresso.
- (B) Sarney afirmou que um dos efeitos danosos tinha sido a necessidade de emendá-la continuamente e que, a cada emenda, o governo se tornava refém da parte menos nobre do Congresso.
- (C) Sarney afirmou que um dos efeitos danosos fora a necessidade de emendá-la continuamente e que, a cada emenda, o governo se tornou refém da parte menos nobre do Congresso.
- (D) Sarney afirmou que um dos efeitos danosos fora a necessidade de emendá-la continuamente e que, a cada emenda, o governo se tem tornado refém da parte menos nobre do Congresso.
- (E) Sarney afirmou que um dos efeitos danosos era a necessidade de emendá-la continuamente e que, a cada emenda, o governo se tornara refém da parte menos nobre do Congresso.

**16**

“Havia forte enxame de moscas azuis no Congresso Nacional, muitos presidenciáveis.” (L.33-34)

A respeito da frase acima, analise as afirmativas a seguir:

- I. Há extensão do sentido do coletivo *enxame* ao ser usado para designar um grupo de moscas, e não de abelhas, como esperado.
- II. É correto afirmar que, além das moscas azuis, havia presidenciáveis.
- III. É correto afirmar que, dentre as moscas azuis, um poderia chegar à presidência.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (C) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (E) se todas as afirmativas estiverem corretas.

**17**

Por *concreção* (L.60), só **não** se pode entender:

- (A) concretização.
- (B) volatilização.
- (C) substancialização.
- (D) materialização.
- (E) solidificação.

**18**

Assinale a alternativa em que as expressões associadas **não** façam parte, no texto, do mesmo campo de significação.

- (A) pegou fogo (L.39) – A terra tremeu (L.41)
- (B) exuberante demanda (L.73) – implacável bombardeio (L.74)
- (C) vigoroso (L.4) – entusiasmado (L.9)
- (D) nariz empinado (L.37) – salto 15 ou mais (L.37)
- (E) altivo (L.4) – nariz empinado (L.37)

**As questões 19 a 23 referem-se ao *Manual de Redação da Presidência da República* e ao *Manual de Elaboração de Textos do Senado Federal*.**

## 19

Com base no *Manual de Redação da Presidência da República*, analise as afirmativas a seguir:

- I. A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos. O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua.
- II. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias lingüísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.
- III. O padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (B) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (D) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (E) se nenhuma afirmativa estiver correta.

## 20

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, analise as afirmativas a seguir:

- I. O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo. As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo.
- II. Fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*. No entanto, é possível substituir *excelentíssimo*, nos casos em que se aplicar, por *digníssimo*.
- III. Doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Deve-se evitar usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, deve-se empregá-lo apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (D) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (E) se nenhuma afirmativa estiver correta.

## 21

Em relação ao que ensina o *Manual de Redação da Presidência da República* acerca do uso dos pronomes de tratamento, analise as afirmativas a seguir:

- I. *Vossa Excelência Reverendíssima* é usado em comunicações dirigidas a arcebispos e bispos.
- II. *Vossa Reverendíssima* é usado para monsenhores, cônegos e superiores religiosos.
- III. *Vossa Senhoria Reverendíssima* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

Assinale:

- (A) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (B) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (E) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

22

Com base no que rege o *Manual de Redação da Presidência da República* acerca da exposição de motivos, analise as afirmativas a seguir:

- I. Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício.
- II. A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.
- III. No caso da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo do padrão ofício, acompanhado da indicação de que medida adotar.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (B) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (C) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (E) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

23

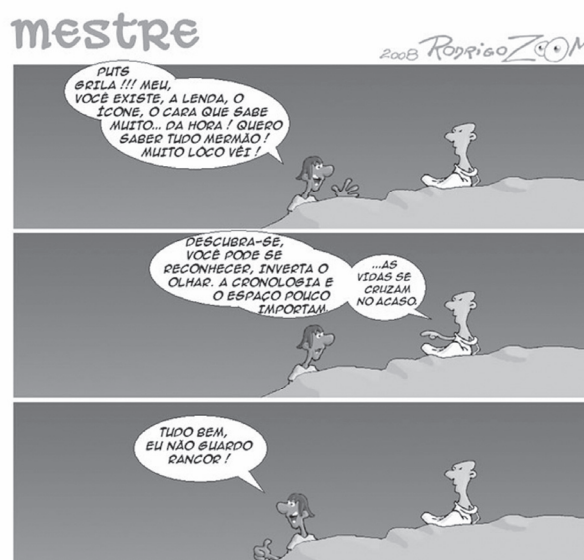
Em relação ao uso do itálico, com base nas orientações do *Manual de Elaboração de Textos do Senado Federal*, analise as afirmativas a seguir:

- I. Recomenda-se o uso de itálico para indicar títulos de livros, revistas, jornais e obras de arte em geral, bem como palavras e expressões estrangeiras. Os títulos de acordos, conferências, congressos e assemelhados não recebem itálico nem qualquer outra forma de destaque gráfico no texto.
- II. Pode-se utilizar a fonte em itálico nas citações longas, que aparecem destacadas do texto, ou no caso da transcrição literal de ementas. Se a ementa for pequena, ainda é possível transcrevê-la entre aspas.
- III. Ao invés do itálico, ainda é possível utilizar o grifo com idêntica serventia, mas não se recomenda o emprego desse artifício para o destaque integral de citações longas. Quando se quer destacar apenas um trecho delas, porém, o grifo revela-se a solução perfeita.

Assinale:

- (A) se nenhuma afirmativa estiver correta.
- (B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (E) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Texto II



(Rodrigo Campos. <http://www.webcomix.com.br/quadrizoom>)

24

No texto II, *puts grila* pode ser classificado como:

- (A) advérbio.
- (B) adjetivo.
- (C) interjeição.
- (D) conjunção.
- (E) substantivo.

25

No texto II, *meu*, *mermão* e *vêi* funcionam como:

- (A) apostos.
- (B) vocativos.
- (C) sujeitos.
- (D) predicativos.
- (E) adjuntos adnominais.

26

No segundo quadrinho, as ocorrências da palavra SE devem ser classificadas, respectivamente, como:

- (A) pronome reflexivo, pronome reflexivo e pronome reflexivo recíproco.
- (B) parte integrante do verbo, parte integrante do verbo e pronome reflexivo recíproco.
- (C) parte integrante do verbo, parte integrante do verbo e parte integrante do verbo.
- (D) pronome apassivador, pronome apassivador e pronome reflexivo.
- (E) pronome apassivador, pronome apassivador e parte integrante do verbo.



**27**

A respeito das estruturas e vocábulos do texto II, **não** é correto afirmar que:

- (A) o sujeito da forma verbal *inverte* é “você”.
- (B) no segundo quadrinho, se se fizesse próclise com o primeiro pronome, embora sendo caso de largo uso no português do Brasil, ainda haveria resistência por parte dos mais puristas da língua.
- (C) a fala do personagem que busca o mestre é carregada por um registro de uso restrito, não encontrando respaldo na norma culta.
- (D) no segundo quadrinho, *acaso* é um substantivo.
- (E) a forma verbal *inverte* poderia ser substituída por “invirta”, por se tratar de verbo abundante.

**28**

Pela leitura do texto II, entende-se que o personagem mais jovem, no final:

- (A) ficou em dúvida a respeito do que o mestre disse.
- (B) embora tenha dito que não guardava rancor, saiu aborrecido.
- (C) tomou as palavras do mestre como se fossem ofensivas.
- (D) ao dizer “tudo bem”, afirmou que havia compreendido plenamente a mensagem do mestre.
- (E) saiu decepcionado com o que ele esperava ser “da hora”.

**29**

Tomando como verdade que o personagem não guarda rancor, é lógico afirmar que ele **não** vai:

- (A) responder a perguntas do mestre.
- (B) se vingar futuramente do mestre.
- (C) se preocupar com o que disse o mestre.
- (D) refletir sobre o que disse o mestre.
- (E) levar em consideração o que o mestre disse.

**30**

Assinale a alternativa que apresente uma frase do mestre que poderia ilustrar de forma irônica a atitude do jovem no último quadrinho.

- (A) Você pode se reconhecer.
- (B) Descubra-se.
- (C) As vidas se cruzam no acaso.
- (D) Inverta o olhar.
- (E) A cronologia e o espaço pouco importam.

**CONHECIMENTOS GERAIS****31**

“Ninguém, antes de Nelson [Rodrigues], havia apreendido tão profundamente o caráter do país. E desvendado, sem nenhum véu mistificador, a essência da própria natureza do homem. O retrato sem retoques do indivíduo, ainda que assuste em pormenores, é o fascínio que assegura a perenidade da dramaturgia rodrigueana.”

(S. Magaldi, Moderna Dramaturgia Brasileira, 1998)

A encenação de *Vestido de Noiva*, em 1943, marcou o início da modernidade do teatro brasileiro. Após sua morte em 1980, Nelson Rodrigues se tornou o dramaturgo brasileiro mais encenado no país.

Assinale a montagem teatral abaixo que **não** é baseada em sua obra.

- (A) *Viúva porém Honesta*, por Eduardo Tolentino de Araújo (1983)
- (B) *A Serpente*, por Antônio Abujamra (1984)
- (C) *De Braços Abertos*, por José Possi Neto (1984)
- (D) *Anjo Negro*, por Ulisses Cruz (1994)
- (E) *Senhora dos Afogados*, por Aderbal Freire Filho (1994)

**32**

Nascido em Passo Fundo em 1980, até os 15 anos sua única escola musical era a música folclórica do Sul do Brasil, Argentina e Uruguai.

Suas interpretações performativas conseguem remodelar cada música apresentada e revelam uma profunda intimidade com seu instrumento.

Um violonista e compositor que não se enquadra em nenhuma corrente musical, ele é uma mistura de todos os estilos e cria interpretações de rara personalidade no seu violão de sete cordas.

Os textos referem-se a:

- (A) Antônio Nóbrega.
- (B) Antônio Meneses.
- (C) Sérgio Assad.
- (D) Turíbio dos Santos.
- (E) Yamandú Costa.

**33**

Em relação ao Estado é correto afirmar que:

- (A) o Estado só é civilmente responsável se a conduta decorrer de culpa ou dolo de seu agente.
- (B) para que o Estado tenha o dever de indenizar o lesado, é preciso que o agente causador do dano seja servidor estatutário.
- (C) o direito à indenização do Estado é assegurado ao lesado ainda que este tenha contribuído inteiramente para o resultado danoso.
- (D) a regra geral adotada no direito brasileiro é a da responsabilidade subjetiva dos entes estatais.
- (E) o Estado pode exercer seu direito de regresso somente quando seu agente se tiver conduzido com culpa ou dolo.



**34**

No que concerne à Administração Pública, **não** é correto afirmar que:

- (A) a finalidade do poder regulamentar é a de complementar as leis para o fim de possibilitar a sua execução.
- (B) o poder discricionário propicia a prática de atos administrativos insuscetíveis de controle pelo Poder Judiciário.
- (C) o poder de polícia retrata prerrogativa estatal que restringe e condiciona a liberdade e a propriedade.
- (D) o Chefe do Poder Executivo expede decretos e regulamentos para exercer o poder de regulamentação das leis.
- (E) nas atividades discricionárias o administrador público não está inteiramente livre para decidir sobre qual a melhor opção a ser feita em relação aos objetivos da Administração.

**35**

Assinale a afirmativa **incorreta**.

- (A) Empresas públicas são entidades dotadas de personalidade jurídica de direito privado.
- (B) As agências reguladoras foram criadas sob a forma de autarquias de regime especial.
- (C) Os Ministérios são órgãos públicos e, portanto, destituídos de personalidade jurídica.
- (D) Municípios não podem instituir sociedades de economia mista.
- (E) Os processos que envolvam sociedades de economia mista federais são processados e julgados, em regra, na Justiça Estadual.

**36**

A respeito dos princípios fundamentais consagrados na Constituição Federal, sob os quais se organiza o Estado Brasileiro, analise as afirmativas a seguir:

- I. A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição.
- II. Dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil estão o de construir uma sociedade justa e solidária, erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, e socializar a propriedade dos meios de produção.
- III. A República Federativa do Brasil tem como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.
- IV. São alguns dos princípios que regem a República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais: a prevalência dos direitos humanos, o exercício da hegemonia política na América Latina e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas II e IV estiverem corretas.
- (B) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas I e IV estiverem corretas.
- (D) se apenas a afirmativa I estiver correta.
- (E) se todas as afirmativas estiverem corretas.

**37**

**Não** integra o estatuto constitucional da liberdade de expressão:

- (A) a proibição de criminalização de quaisquer manifestações expressivas.
- (B) a liberdade de expressão de atividade artística, independentemente de censura ou licença.
- (C) a preservação do sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.
- (D) a liberdade de manifestação do pensamento, observada a vedação do anonimato.
- (E) a garantia do direito de resposta proporcional ao agravo.

**38**

No processo de eleição dos membros da Mesa do Senado Federal, **não** é correto afirmar que:

- (A) são eleitos para mandato de dois anos, vedada a reeleição para o período imediatamente subsequente.
- (B) a eleição será feita em escrutínio secreto, exigida maioria de votos e presente a maioria da composição do Senado.
- (C) as bancadas partidárias, para fins do cálculo de proporcionalidade, são consideradas pelos seus quantitativos à data da diplomação.
- (D) enquanto não eleito o novo Presidente, os trabalhos do Senado serão dirigidos por seu Suplente.
- (E) deverá ser assegurada, tanto quanto possível, a participação proporcional das representações partidárias ou dos blocos parlamentares com atuação no Senado.

**39**

Em relação às sessões conjuntas, é correto afirmar que:

- (A) as sessões conjuntas serão públicas, mas podem ser secretas se assim o determinar o presidente.
- (B) somente com a presença mínima de 1/5 (um quinto) da composição de cada Casa do Congresso serão abertas as sessões conjuntas.
- (C) o prazo de duração da sessão conjunta poderá ser prorrogado por proposta do Presidente ou a pedido de qualquer Congressista.
- (D) a sessão conjunta terá a duração de 6 (seis) horas e se iniciará na parte da tarde.
- (E) no recinto da sessão conjunta, somente será admitida a presença de funcionários em serviço no plenário com expressa autorização do Presidente.

**40**

Analise as afirmativas abaixo:

- I. Compete ao Primeiro-Secretário da Mesa do Senado assinar os autógrafos dos projetos e emendas a serem remetidos à Câmara dos Deputados.
- II. O Primeiro Vice-Presidente da Mesa do Senado tem a atribuição exclusiva de substituir o Presidente nas suas faltas ou impedimentos.
- III. É ao Presidente da Mesa do Senado que cabe a atribuição de convocar Suplente de Senador.

Assinale:

- (A) se apenas as afirmativas I, II e III estiverem corretas.
- (B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (C) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (D) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (E) se apenas a afirmativa III estiver correta.

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Língua Inglesa

Read text I and answer questions 41 to 50.

#### TEXT I

Here is a text from a guide to buying translations:

#### Translation: getting it right

For non-linguists, buying in translation is often a source of frustration. The suggestions in this brochure are aimed at reducing stress.

Think international from the start. Avoid culture-bound clichés. References to your national sport may well fall flat. Ditto literary/cultural metaphors. Tread carefully with references to parts of the human body, viewed differently by different cultures.

For written documents, don't box yourself in by linking your pitch to visuals that may not carry the same meaning outside your native country – forcing translators to resort to cumbersome wordplay and workarounds. In January 1998 PM Tony Blair told a group of Japanese businessmen that his government intended to go "the full monty" in putting the UK economy on a sound footing. Blank faces: the film had not yet been released in Japan.

Keep some local flavour if you like, but check with your foreign-text team to make sure that adaptation is possible. For written documents, be sure to include international calling codes for telephone and fax...

How important is style? Some translations are no-hopers from the start. Often these are raw machine translation, or the work of non-native speakers struggling away with a grammar book in one hand and a dictionary in the other. They are good for a laugh. Other translations are technically accurate, yet the sentences do not flow as smoothly as they might; word order or choice of vocabulary may be unduly influenced by the original language. They are not particularly effective for selling, but may be good enough for readers who know the subject and can – or have time to – read between the lines.

(adapted from <http://www.fit-ift.org/download/getright2-en.pdf>)

#### 41

The function of this text is to

- (A) offer apologies.
- (B) sell devices.
- (C) spread gossip.
- (D) give advice.
- (E) create networks.

#### 42

When the suggestions "are aimed at reducing stress" (lines 4-5), this means they intend to

- (A) cut it out.
- (B) cut it down.
- (C) cut it up.
- (D) cut it off.
- (E) cut is loose.

#### 43

When you "avoid culture-bound clichés" (lines 6-7) you

- (A) indulge in them.
- (B) try to use them.
- (C) challenge them.
- (D) misunderstand them.
- (E) keep away from them.

#### 44

The expression **fall flat** in "references may well fall flat" (line 7) means the references may be

- (A) remarkable.
- (B) unsuccessful.
- (C) well-intended.
- (D) offensive.
- (E) ambiguous.

#### 45

The modal verb in "that may not carry..." (line 12) indicates a

- (A) probability.
- (B) warning.
- (C) consequence.
- (D) condition.
- (E) prohibition.

#### 46

When the text states that translators "resort to cumbersome wordplay and workaround" (lines 13-14), it implies that translators ultimately

- (A) get rid of them.
- (B) make use of them.
- (C) look down on them.
- (D) get tired of them.
- (E) run out of them.

#### 47

The underlined expression in "putting the UK economy on a sound footing" (lines 16-17) can be replaced by

- (A) solid base.
- (B) predictable path.
- (C) unstable position.
- (D) hectic pace.
- (E) frail structure.

#### 48

In "Yet the sentences do not flow" (line 27) **Yet** can be considered equivalent to

- (A) In spite of.
- (B) For.
- (C) Although.
- (D) Thus.
- (E) Nevertheless.

49

The adverb in “may be unduly influenced” (line 29) implies:

- (A) time.
- (B) space.
- (C) intensity;
- (D) absence;
- (E) limitation.

50

The underlined word in “They are not particularly effective” (line 30) can be replaced by

- (A) methodically.
- (B) privately.
- (C) overly.
- (D) specifically.
- (E) precisely.

**Read text II and answer questions 51 to 60.**

## TEXT II

### Language services – the bedrock of knowledge services in today’s knowledge economy

By **Anil Gidwani** | Published 08/11/2008

German to English translator

A term very much in vogue today is “the knowledge economy”. This is a term that is justifiably considered vague and nebulous. Questions abound. What exactly is a knowledge economy? There seems to be no clear definition. What are the 5 sectors a knowledge economy is composed of? Why the overwhelming allure of the knowledge economy? Why are sweeping statements made today that the economy of the world today is moving towards a knowledge-based economy?

And a question closer to our hearts as language service 10 providers: Are language services part of the knowledge economy? Does it matter if they are considered part of it or outside it?

One definition of the knowledge economy, taken from today’s overwhelmingly popular web knowledge resource, 15 wikipedia, defines the knowledge economy as the use of knowledge technologies (such as knowledge engineering and knowledge management) to produce economic benefits.

Clearly, it is important for language services to be classified and advertised as a part, nay a critical and 20 indispensable part, of the knowledge economy for three reasons:

- a) Language services ARE an integral part of today’s knowledge economy. The wheels of globalization, itself predicated on a knowledge economy, would grind to a halt 25 without language services.
- b) Language services are not accorded the recognition they deserve in today’s comprehensive march towards globalization. Being classified as a component of the knowledge economy will confer on them the status they 30 truly deserve.
- c) Payment for language services is not commensurate with the benefits they bring to the world economy. Once they get due recognition, pay scales will be revised accordingly by market forces.

35 No one can argue that language services such as translation or interpretation do not produce economic benefits. What has to be driven home is the magnitude of economic benefits produced.

i) While language services produce no tangible products or 40 sales (apart from the language services sold themselves), the intangible effects of localization on product sales are substantial.

ii) Language services also enhance global collaboration, nay, are the very factor that make it possible . Ask any two 45 multinational companies what underpins their process of collaboration. The answer: a Memorandum of Understanding or some sort of Legal Agreement drawn up in the languages of the countries of the participating companies. So language services are required for global 50 collaboration to even be initiated. And that global collaboration produces economic benefits is a fact.

It is therefore, indisputable that language services are a knowledge technology and that they produce considerable intangible economic benefits that are critical to the production 55 of a host of tangible economic benefits.

That being established, we as language service providers, can go a step further, and claim that language services are the very bedrock of the knowledge economy. However, what is it that makes language services stand out as a special 60 knowledge-based service? There exist today many knowledge-based technologies, such as information technology, software engineering, artificial intelligence technologies, cognitive sciences, etc. Why are language services unique?

An analogy with a natural phenomenon can drive home the 65 point. Just as the light of the sun is the very essence of the sun’s ability to illumine, language is the very essence of all knowledge. Just as the light of the sun illumines all objects in the solar system, language is used to describe all known phenomena in our known universe, and therefore forms the 70 very backbone of all human knowledge. While knowledge is domain-specific, language is meta-knowledge. Language services are hence very special, since no knowledge is possible without language.

Language services will thus form the very bedrock of the 75 global knowledge economy going forward. It is time language services are accorded their rightful place in the global economy. In terms of recognition. In terms of stature. And yes, in terms of remuneration.

(<http://www.proz.com/translation-articles/articles/1964/1/Language-services-%E2%80%93-the-bedrock-of-knowledge-services-in-today%E2%80%99s-knowledge-economy>)

51

According to the text, language services and knowledge economy are

- (A) linked.
- (B) controversial.
- (C) exclusive.
- (D) disposable.
- (E) questionable.

**52**

The underlined word in “The bedrock of knowledge services (in the title) means

- (A) interests.
- (B) consequences.
- (C) problems.
- (D) fundamentals.
- (E) causes.

**53**

The opposite of **vague** in “considered vague and nebulous” (lines 2-3) is

- (A) dim.
- (B) accurate.
- (C) inexact.
- (D) advantageous.
- (E) imprecise.

**54**

When the text states that a question is “closer to our hearts” (line 9), it means this question is

- (A) farther from them.
- (B) less sensitive to them.
- (C) more threatening to them.
- (D) more influenced by them.
- (E) nearer to them.

**55**

When something “grinds to a halt” (line 24) this indicates it eventually

- (A) jumps.
- (B) runs.
- (C) lingers.
- (D) stops.
- (E) resumes.

**56**

“a comprehensive march” (line 27) is one that is

- (A) all-inclusive.
- (B) upcoming.
- (C) understandable.
- (D) overwhelming.
- (E) constructive.

**57**

In “Once they get due recognition” (lines 32 and 33) **Once** has the same meaning as in

- (A) On seeing the other translators, they greeted them at once.
- (B) Translators meet at conferences once in a while.
- (C) Once there, the translators will greet the conference organizer.
- (D) Just once did the translators meet at that building.
- (E) Once upon a time, translation services were well-paid.

**58**

The underlined word in “It is therefore undisputable” (line 52) signals a

- (A) contrast.
- (B) comparison.
- (C) condition.
- (D) constraint.
- (E) conclusion.

**59**

The expression “a host of tangible economic benefits” (line 55) indicates these benefits are

- (A) scarce.
- (B) effective.
- (C) plentiful.
- (D) successful.
- (E) welcoming.

**60**

When the text qualifies language services as “unique” (line 63), it defines them as

- (A) unfit.
- (B) uniform.
- (C) unusual.
- (D) untidy.
- (E) useful.

## Língua Espanhola

Lee el texto I y contesta a las cuestiones de 61 a 72.

**Texto I**

**TRIBUNA: JULIO LLAMAZARES**

**La perseverancia de los desaparecidos**

JULIO LLAMAZARES 26/09/2008

*Los debates políticos muchas veces terminan enconándose y de nada sirven los argumentos racionales. Es entonces cuando acaso sirvan las historias, como ésta, que trata de un maestro de escuela de la República*

5 Guardo en mi casa de vacaciones la vieja casa de mi familia el retrato de un hombre al que no conocí, pero cuya presencia me ha acompañado siempre, al igual que a mis padres y a mis abuelos. Se trata del retrato de un tío mío, maestro de la República, que desapareció en la guerra y al

10 que, mientras vivieron, sus padres y sus hermanos buscaron inútilmente. Tal vez por eso su foto permaneció siempre en el comedor presidiendo las comidas y reuniones familiares y por eso yo la conservo, no en el mismo lugar, pero sí en otro preeminente, después de reformar la casa hace algunos años.

15 La perseverancia de los desaparecidos (tomo la frase de un título del poeta Miguel Suárez que publicó Hiperión) se muestra en esos detalles, pero también en su resistencia a desaparecer del todo, como sucede con las estrellas, que siguen dando luz después de muertas, incluso cuando llevan

20 millones de años apagadas. Y es que los desaparecidos se convierten en fantasmas que continúan viviendo junto a nosotros, por más que no los veamos salvo en las fotografías que conservamos de ellos.

La providencia del juez Garzón recabando de todos los archivos la relación de desaparecidos en la Guerra Civil y en la

25 posguerra (para muchos, una continuación de aquélla) en orden a confeccionar la lista completa de sus nombres con el fin de proceder a su rescate en el caso de que se sepa dónde se encuentran sus restos o a su búsqueda y reivindicación -en el contrario- me ha hecho recordar a mi tío Ángel y a revivir escenas de mi niñez, cuando mi padre y sus hermanos le buscaban todavía, cosa que no dejaron de hacer, ya digo, mientras vivieron, aunque en los últimos tiempos ya sin ninguna esperanza. Por edad, no alcancé a vivir el dolor de mis abuelos, que se fueron con la pena de morirse sin saber qué había sido de su hijo ni si en verdad les había precedido en su destino, como todo hacía pensar; una pena tan grande que a mi abuela la llevó a experimentar incluso fenómenos de aparición (llegó a ver a su hijo una noche en la cocina y a escuchar su voz varias veces, según me contaron luego) y que se vio agrandada por el acoso que ambos tuvieron que soportar por parte de los guardias y la policía franquistas, que pensaban que mi tío pudiera estar escondido en casa, o en el monte, con los grupos de huidos republicanos que durante muchos años resistieron en la zona.

Si cuento todo esto no es, por supuesto, por hacer pública una historia privada y personal, sino por transmitir a quienes se oponen a la búsqueda y reivindicación de los miles de personas desaparecidas en España a lo largo de la guerra y la posguerra el sufrimiento experimentado durante años por sus familias y algo que les sorprende aún más la razón de que ese sentimiento perdure en sus descendientes, incluso en aquellos que, como yo, ni siquiera llegamos a conocer a los protagonistas. La experiencia personal, por más que sea limitada, alumbró muchas veces más que todos los análisis teóricos.

En el debate que últimamente se está librando en nuestro país sobre la necesidad de la recuperación de la memoria histórica, como se ha dado en llamar, de una manera eufemística, a la búsqueda de los desaparecidos, se han esgrimido por una y otra parte todo tipo de argumentos y razones. Por parte de quienes la rechazan (la derecha, sobre todo, pero también un número no pequeño de personas sin ideología concreta, incluso de la izquierda más pragmática o más muelle), que hay que mirar hacia delante y no hacia atrás, que la guerra ya ocurrió hace más de medio siglo, que el andar escarbando en el pasado puede reabrir heridas, que a los que lo pretenden sólo les mueven el odio y el revanchismo. Por parte de los que la defienden (la recuperación de la memoria histórica), que el olvido no es justicia, sino todo lo contrario, que la memoria es una necesidad vital, aparte de un derecho de todas las personas y los pueblos, que las heridas no se reabren por buscar a los muertos y enterrarlos dignamente, puesto que nunca se llegaron a cerrar (entre otras muchas razones, por la oposición de aquéllos a que pudiera hacerse cuando debía), que el tiempo transcurrido es garantía de que la historia se puede conocer sin gran peligro, que no parece muy coherente que se reivindique a cada momento la memoria de las víctimas de ETA mientras que se les niega lo mismo a las del franquismo o que, en fin, ya es hora de que los desaparecidos afloren de sus limbos y sus tumbas clandestinas y descansen para siempre donde deben, esto es, donde deseen sus familiares, como ocurre en todos los países democráticos. No seré yo, aunque podría hacerlo sin duda alguna, el que añada más razones y argumentos al debate (en mi caso, por supuesto, a favor de los que quieren y reclaman la verdad), entre otras cosas porque por experiencia sé que, en los debates políticos, y éste lo es, nadie convence a nadie de nada racionalmente. Me limito, por ello, a contar mi historia, como comencé este artículo, por si con ella logro ablandar la sensibilidad de alguno de esos que, insolidariamente o por conveniencia, se resisten a que otros conozcamos qué ocurrió

con nuestros familiares o vecinos y podamos, llegado el caso, darles la paz que nunca tuvieron.

95 Cuando estudiaba bachillerato, en una clase de religión, entonces obligatoria como determinada gente pretende volver a hacer (se ve que no confían demasiado en sus ideas), recuerdo que el profesor, un cura, lógicamente, nos explicó las razones morales por las que el robo era considerado un pecado por la religión católica. De todas las esgrimidas, que eran bastantes, hubo una que aún recuerdo, pues me llamó la atención poderosamente en aquel momento. Era aquella que decía que "las cosas claman por su dueño" y no dejan de hacerlo hasta que se le restituyen. Imaginaba yo entonces un sordo rumor de ambiente producido por todos los objetos que, robados, permanecían en manos de los ladrones y cómo éste debía de delatarlos, así como la paz que los propios objetos habrían de sentir cuando por fin eran devueltos a sus legítimos dueños. Como si los objetos tuvieran alma y sufrieran igual que las personas.

Yo no sé si la religión católica sigue alentando esa presunción, tan literaria por otra parte, para condenar el robo (y para sacralizar, de paso, la necesidad de la restitución de lo robado, condición imprescindible para el perdón del pecador), pero la he recordado muchas veces para explicarme a mí mismo la razón de que hechos sucedidos hace décadas continúen planeando sobre mí y, por lo que puedo ver, sobre muchos otros compatriotas. Que 70 años después de acabada la guerra y comenzada la posguerra, con todo lo que ha ocurrido desde esas fechas, mucha gente continúe reclamando conocer el paradero de sus desaparecidos no indica más, aparte de que, contra lo que muchos quieren, las heridas siguen abiertas, que aquellos siguen clamando en nuestras conciencias y que lo hacen con perseverancia. Sólo así puede explicarse que, después de tantos años de silencio, de olvido institucional, de persecución incluso de su memoria, y después de muertos ya la mayoría de los que los conocieron, su recuerdo y sus nombres sigan vigentes y que haya gente que continúe buscándolos. De la misma manera que sólo así se explica la perseverancia de ésta, hijos y nietos de los desaparecidos muchas veces, que, aunque no llegaron a conocerlos, crecieron, como yo, viendo sus fotos y oyendo a sus padres y a sus abuelos hablar de ellos como si siguieran vivos.

135 No lo están (el tiempo transcurrido ya ha dejado lugar a la verdad), pero tampoco están muertos, o no lo están del todo, pues su recuerdo sigue turbándonos. ¿Cómo entender, si no, que haya gente que siga todavía buscando el paradero de personas de las que no posee ninguna pista o que las fotos de éstas permanezcan en sus sitios, como la de mi tío Ángel, al revés que las de los muertos, que desaparecen de nuestras vidas a medida que el tiempo va transcurriendo? Personalmente a mí nadie me pidió que la conservara, ni que estuviera atento a cualquier noticia que sobre mi tío pudiera aparecer, pero lo hice y lo sigo haciendo, y ello a pesar de que ya no vive nadie de cuantos lo conocieron de mi familia. El recuerdo de mi padre buscándolo inútilmente y el conocimiento del sufrimiento de mis abuelos es motivo suficiente para hacerlo. Eso y la perseverancia de mi tío Ángel, aquel maestro que llevaba a los niños a lavarse antes de empezar la escuela y que soñaba con un mundo más justo y cuya foto me espera cada verano en la casa en la que nació.

Julio Llamazares es escritor.

[http://www.elpais.com/articulo/opinion/perseverancia/desaparecidos/elpepuopi/20080926elpepiopi\\_12/Tes](http://www.elpais.com/articulo/opinion/perseverancia/desaparecidos/elpepuopi/20080926elpepiopi_12/Tes)



**61**

- El texto trata de la historia de un maestro con la finalidad de
- (A) justificar la pervivencia de un sentimiento.
  - (B) exigir una retratación de las autoridades españolas.
  - (C) buscar a los responsables de la desaparición de intelectuales.
  - (D) dar a conocer las trayectorias individuales de los desaparecidos.
  - (E) divulgar los nombres de los protagonistas de la guerra española.

**62**

El autor con el fragmento “ a mi abuela la llevó a experimentar incluso fenómenos de aparición...” (líneas 37-39 ) quiere traducir:

- (A) la necesidad de olvidar la historia de los desaparecidos.
- (B) la resistencia de las autoridades al problema de las familias.
- (C) la ilusión de mantener viva la memoria de los desaparecidos.
- (D) la desesperación de los parientes de desaparecidos por sus crímenes políticos.
- (E) la búsqueda de las familias por la oficialización de la situación de sus parientes.

**63**

“La providencia del juez Garzón **recabando** de todos los archivos...”. El vocablo en destaque corresponde en portugués a:

- (A) refazendo.
- (B) analisando.
- (C) detallando.
- (D) consultando.
- (E) requisitando.

**64**

Con el fragmento: “ se vio agrandada por el acoso que ambos tuvieron que soportar...” (líneas 41-42), el autor quiere destacar respecto a las autoridades la:

- (A) preocupación por la integridad de las familias.
- (B) ausencia de información oficial para los familiares.
- (C) solidaridad respecto a los desaparecidos no republicanos.
- (D) presión para que confesaran la localización de sus familiares.
- (E) violencia física a que sometían las familias de los desaparecidos.

**65**

Uno de los argumentos de los que no quieren la búsqueda de los desaparecidos es:

- (A) “ la historia se puede conocer sin gran peligro”.
- (B) “ la necesidad de la recuperación de la memoria histórica”.
- (C) “ La experiencia personal (...) alumbra muchas veces más”.
- (D) “el andar escarbando en el pasado puede reabrir heridas”.
- (E) “ por la oposición de aquéllos a que pudiera hacerse cuando debía”.

**66**

“De todas las **esgrimidas**” (línea 100), el vocablo en destaque recupera en el texto la palabra:

- (A) ideas.
- (B) cosas.
- (C) razones.
- (D) personas.
- (E) familiares.

**67**

La situación concreta que el texto presenta para justificar la permanencia de los sentimientos respecto a los desaparecidos es la de:

- (A) los objetos robados.
- (B) los debates políticos.
- (C) las voces que se escuchan.
- (D) la resistencia de los huidos republicanos.
- (E) los desaparecidos que salen de sus tumbas.

**68**

En el fragmento: “sólo así se explica la perseverancia de **ésta**” (línea 130), el vocablo en destaque hace referencia a:

- (A) gente
- (B) razón
- (C) mayoría
- (D) memori;
- (E) necessidade.

**69**

“**ello** a pesar de que ya no vive” (líneas 145-146 ). En este fragmento, el término destacado se refiere a:

- (A) “ eso y la perseverancia de mi tío Ángel”.
- (B) “ viendo sus fotos y oyendo a sus padres”.
- (C) “ ya no vive nadie de cuantos lo conocieron”.
- (D) “o no lo están del todos, pues su recuerdo sigue turbándonos”.
- (E) “ que la conservara, ni que estuviera atento a cualquier noticia”.

**70**

Llamazares se refiere en su texto a un tema que ocupa el escenario en el país. Éste tema es:

- (A) la recuperación de la memoria histórica.
- (B) la memoria de las víctimas de atentados terroristas.
- (C) la reparación para los desaparecidos del franquismo.
- (D) la ausencia de una definición ideológica de la sociedad civil.
- (E) la equiparación de condición para las víctimas de ETA y del franquismo.

71

“...en el caso de que se sepa dónde se encuentran sus restos...” (líneas 28-29) Lo subrayado puede sustituirse sin

- alterar el sentido y manteniendo la adecuación de la frase por:
- (A) si.  
 (B) tal vez.  
 (C) cuando.  
 (D) a la vez que.  
 (E) con tal de que.

72

En: “por si con ella logro ablandar...” (línea 90) lo subrayado expresa:

- (A) duda.  
 (B) finalidad.  
 (C) oposición.  
 (D) alternancia.  
 (E) conformidad.

Lee el siguiente texto y contesta a las cuestiones de 73 a 80.

### Texto II

#### Dos años después

JOSÉ MIGUEL LARRAYA 05/10/2008

En este país, es decir, España, es fácil generar una sonrisa de conmisericordia, casi de desprecio, cuando uno dice que, casi siempre, las cosas son lo que parecen. Siempre hay alguien que nos recuerda que las alfombras tienen un envés, 5 el envés de la trama, donde reside la razón de las cosas. Hay que volcar la alfombra, quitar el polvo y las pelusas y llegar a esa joya, escondida por la mano perversa del poder, que es la verdad. Y resulta que en vez de mirar y leer lo que pasa, darse cuenta que lo obvio es lo más parecido a la verdad, se 10 escucha cualquier cuento.

Terreno fértil para los vendedores de tremendismo. En este sentido, la experiencia del diálogo con los lectores ha sido aleccionadora. Nuestros errores y nuestros defectos quedan impresos. Se repiten, se corrigen y se reiteran. Pero es 15 un diálogo imprescindible y un remedio contra la arrogancia de la opinión publicada.

Dos años después, cuando concluye este segundo periodo de Defensor del Lector, mantengo la convicción temporal de que el periodismo, pese a sus carencias y limitaciones, sigue 20 siendo un pulmón de la democracia. Sea por escrito, en la radio, en la televisión o en Internet, con lenguajes técnicamente distintos el periódico, es decir, el papel, siempre será un objeto de deseo que se pueda mirar, tocar, oler, incluso leer la función del periodismo es y será abastecer al 25 ciudadano con la información necesaria para que se siga sintiendo ciudadano y no súbdito. Dueño, en la modesta o inmensa medida de su capacidad, de una libertad de albedrío que le permitirá opinar y actuar con conocimiento de causa sobre los asuntos que afectan a su vida y a la de sus hijos. Un 30 espacio que ampara el debate público, que no excluye a la clase política, pero que debe dar relieve a la sociedad civil.

En este periódico existe una idea no escrita, pero que se transmite entre las distintas generaciones, de que el diario pertenece a los lectores. Es una obviedad el diario es lo que es 35 en la medida que haya lectores, lectores cualificados, añadiría yo que son, en último término los que han hecho que este diario sea lo que es. A despecho de muchos.

#### Espacio para los lectores

La necesidad de tener lectores no la discuten ni siquiera los cínicos que esbozan una sonrisa sarcástica cuando se opina sobre la propiedad simbólica del medio. Ello no impide 40 que los lectores con más deseos de participar en el medio se sientan frustrados. El espacio del lector las cartas al director ha sido un lugar importante e insuficiente. Los lectores siempre se han quejado del espacio donde hay selección hay agravio a pesar de que entiendan que es limitado.

Las nuevas tecnologías el diario se desdobra, se multiplica en su versión digital sin perder su identidad ya permiten abrir amplias alamedas a las opiniones de los lectores. El futuro 50 tiene una inmensa ampliación electrónica en la versión digital. En un futuro no muy lejano la convergencia de las ediciones impresa y electrónica dejará de ser un imperativo hipotético para convertirse en un imperativo categórico.

En el aire hay un relente de fin de época, como si las 55 imprentas, las rotativas, fueran dinosaurios llamados a desaparecer como las linotipias o las máquinas de escribir. Aun así, nadie podrá robarnos la tipografía. Acompañará siempre a la lectura. Cambiarán los soportes, pero desde las paredes de las cavernas a la realidad virtual de la imagen 60 líquida, el trazo humano que recoge la idea, o la imagen, sobrevivirá para contar una historia que los periodistas llamamos actualidad.

La revolución tecnológica, los nuevos soportes, pueden multiplicar por mil los mensajes, contribuir a lo que llaman la 65 niebla mediática, en la que no se distinguen las voces de los ecos. Entonces, como ahora, será necesario el periodismo. Al margen de los soportes, la sociedad libre necesitará siempre de ese espacio intangible que la prensa debe conceder a las voces que tengan algo relevante que decir. Los textos de los 70 diarios, dicen los expertos, serán cada vez más interpretativos. La cuestión, sin embargo, no es si nosotros como lectores estamos o no de acuerdo con las posiciones de un autor, de un corresponsal, sino si éste mantiene el equilibrio y la distancia propios de un análisis periodístico.

La información libre, solvente que no confunde los hechos 75 y las opiniones, con una información basada en el testimonio de los protagonistas y contrastada, cuando se puede, con fuentes documentales, que aspira a ser independiente, incluso de uno mismo, seguirá siendo imprescindible. Es decir, la 80 información de calidad en cualquier soporte.

Los lectores pueden escribir al Defensor del Lector por carta o correo electrónico (defensor@elpais.es), o telefonar al número 91 337 78 36.

[http://www.elpais.com/articulo/opinion/anos/despues/elpepuopi/20081005elp/epiopi\\_5/Tes](http://www.elpais.com/articulo/opinion/anos/despues/elpepuopi/20081005elp/epiopi_5/Tes)

73

En el primer párrafo, el autor afirma que:

- (A) al fin y al cabo la razón es obvia.  
 (B) en el lector reside siempre la verdad.  
 (C) importa lo que se cree ser la realidad.  
 (D) la razón de las cosas reside en lo ajeno.  
 (E) difícil es creer en lo sencillo que es la verdad.



**74**

Para el articulista, la columna “Defensor del Lector”:

- (A) ubica al lector en el papel de súbdito de la información.
- (B) mantiene al lector enterado de las carencias y limitaciones del proceso informativo.
- (C) reafirma la necesidad de intermediación entre los medios informativos y los ciudadanos.
- (D) comprende el periodismo como el lugar en que se le da destaque a la sociedad civil.
- (E) cree que, aunque señor de una inmensa capacidad de elección, el lector necesita conducción en el debate público.

**75**

Con el fragmento “...se escucha cualquier cuento...”(líneas 10 y 11), el autor expresa que las personas:

- (A) se creen en todo.
- (B) exageran en lo que leen.
- (C) son excesivamente creídas.
- (D) se dejan llevar por lo obvio.
- (E) son tremendistas por naturaleza.

**76**

De acuerdo con Larraya, el uso de las tecnologías en la producción del periódico:

- (A) corrobora la inoperancia del papel del lector.
- (B) hace más accesible y menos frustrante la participación del lector.
- (C) facilita la queja sobre la insuficiencia del espacio destinado a críticas.
- (D) propone una multiplicación del contenido para que se garantice la calidad de la información.
- (E) posibilita la creación de una esfera menos reducida de convergencia entre las ediciones digitales y de papel.

**77**

El fragmento en que el articulista expresa su deseo de cambio es:

- (A) “dejará de ser un imperativo hipotético para convertirse en un imperativo categórico”.
- (B) “Al margen de los soportes, la sociedad libre necesitará siempre de ese espacio intangible”.
- (C) “Los lectores siempre se han quejado del espacio (...) a pesar de que entiendan que es limitado”.
- (D) “En el aire hay un relente de fin de época, como si las imprentas, las rotativas, fueran dinosaurios llamados a desaparecer”.
- (E) “Cambiarán los soportes, pero desde las paredes de las cavernas a la realidad virtual de la imagen líquida, el trazo humano (...) sobrevivirá.”

**78**

El papel del periodismo propuesto por el autor es:

- (A) alejarse cada vez más de la tendencia actual a interpretarse preferentemente los hechos.
- (B) garantizar la pluralidad de voces de los analistas y de los medios en la defensa de los derechos civiles.
- (C) actualizarse técnicamente para atender la exigencia de calidad de los nuevos soportes.
- (D) fomentar espacios para el contenido informativo aunque aparezca la subjetividad del periodista.
- (E) posibilitar que la opinión de los lectores pueda presentarse de forma integral en las ediciones de los periódicos actuales.

**79**

“...contribuir a lo que llaman la **niebla** mediática”(líneas 64-65), con lo subrayado el autor introduce la idea de:

- (A) amplitud.
- (B) intensidad.
- (C) limitación.
- (D) confusión.
- (E) morbosidad.

**80**

En: “**pese a** sus carencias y limitaciones” (línea 19), lo subrayado puede ser sustituido, sin alterar el significado de la frase, por:

- (A) salvo a.
- (B) tocante a.
- (C) a pesar de.
- (D) al revés de.
- (E) por mucho de.

## QUESTÕES DISCURSIVAS

### Língua Inglesa

#### Questão 1

a) Read text I and translate it into Portuguese.

##### TEXT I

The development of translation studies in the last few decades has provided ample evidence of the crucial role played by translation and translators in the (re)construction of national languages and literatures. The translation of canonical authors into peripheral or minoritized<sup>1</sup> languages is usually considered a sign of prestige, which world cultures possess and share. In this sense, foreign authors and works are usually translated in order to validate, or add prestige to, the target language and culture. In the case of minoritized languages, translation constitutes therefore a political act where the socio-cultural and political context, much more than the source text or author, determines and shapes both the translating process and the final product.

(from Language and Literature, 13 [1]: 37)

<sup>1</sup>When referring to 'minorities' various terms are used, e.g. 'minor', 'minority', 'peripheral'. Here I use the term 'minoritized' to refer to the languages of communities which, like Galicia, not only are small in numerical terms, but also have been subjected to marginalization and discrimination throughout their history.

b) Read text II and translate it into English:

##### TEXT II

#### Interpretação e tradução: dois lados de uma mesma moeda?

Em *Sua Majestade, O Intérprete - O fascinante mundo da tradução simultânea*, o tradutor e intérprete Ewandro Magalhães Júnior narra em uma prosa leve, repleta de casos pitorescos, protagonizados pelo próprio autor ou por outros profissionais, as mazelas e alegrias desta profissão. O autor não tem a pretensão que seu livro se torne um manual do intérprete, pois sabe, e deixa claro em sua obra, que a interpretação, assim como a tradução, é um ofício onde se aprende mais na prática profissional do que em livros teóricos. O ilustre professor e tradutor Paulo Rónai, uma das vozes mais atuantes e lúcidas na área de tradução em nosso país, dizia que traduzir se aprende traduzindo. Magalhães, de certo modo, repete o mote quanto à interpretação, tendo, ele mesmo iniciado a vida de intérprete sem preparação teórica para a tarefa. O que ele pretende com seu livro, portanto, é mostrar o caminho das pedras aos interessados em se tornar intérpretes, mas sem fórmulas miraculosas ou regras a serem obedecidas. O autor usa sua experiência de cerca de 6.000 horas de trabalho para alertar os iniciantes sobre aspectos importantes a se considerar no ofício.

(in <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/31/55>, em 24 de setembro de 2008)

### Língua Espanhola

#### Questão 2

a) Vas a leer a continuación un texto en español. Tras leerlo, traduce los siguientes párrafos: primero, tercero, sexto y séptimo.

##### Miguel

##### Manuel Rivas

Su trabajo es seleccionar botellas, pan para los cerdos, comida para perros y distintos tipos de metal, como cobre, plomo, zinc y aluminio. A veces surgen pequeños tesoros en las vísceras de la escombrera, como ese anillo de oro que regaló a su madre, los aros plateados de sus hermanas o el propio reloj que ciñe su muñeca. Desde hace dos años, y tiene once, Miguel Cabeza Mato sale todos los días a las ocho de la mañana de la chabola, escoltado por una nube de gaviotas, y se dirige al tajo: el vertedero de basuras de Bens, en A Coruña.

La chabola de Miguel no está dentro del vertedero, como la del viejo Guillermo. La vivienda de madera, chapa y cartón que alberga a sus padres y a otros diez hermanos, se asienta en la ladera y este chaval, con la estampa pícaro de una criatura de Dickens en apuros, explica cómo este monte apestado es una plataforma privilegiada para ver los fuegos de artificio en las fiestas grandes de la ciudad, en el verano, o las crestas de espuma que se abaten en los temporales de invierno al pie de la torre de Hércules.

Le gustaba dibujar casas, con tendales coloridos, árboles barrigudos y columpios, pero un día, hace de eso dos años, decidió no volver a la escuela. Por incompatibilidad con el cuerpo docente. Según Miguel, el proceso de penalización en el patio escolar no era todo lo justo que aconsejaba la ley del suburbio. “Ellos me insultaban, me llamaban gitano o moicante y yo les pegaba; entonces ellos se chivaban a la profesora y al final siempre pagaba yo”.

El peonaje infantil del vertedero se incrementa los fines de semana, pero a diario sólo trabajan Miguel y otros dos, José y Forto. Alguna vez asomó por este trasero de la ciudad una dotación de la Policía Municipal para hacer cumplir lo que mandan los papeles, pero los críos desheredados se camuflan como nadie en el paisaje residual. En una ocasión vino el alcalde para inspeccionar unas obras de ampliación del vertedero, Y Miguel siguió de lejos el ritual con el semblante precozmente endurecido, al modo de su actor preferido, Robert Mitchum.

Le gustan las películas de indios contra vaqueros o viceversa, que puede ver a medias en las tres televisiones encontradas al azar de la escombrera o de la calle, y sorprende con su preferencia musical, la banda de La muerte tenía un precio, una cinta descubierta entre basuras y que escucha en un aparato igualmente hallado en el vertedero.

A veces, el día depara pequeños milagros, como cuando encontró dieciocho billetes de mil y corrió brincando de alegría hacia la chabola, pero el salario de Miguel se mide sobre todo en botellas. Cada una, seis pesetas. “Los mejores días son los de Navidad”.

Su padre, en otro tiempo marinero, cultiva un pequeño huerto con patatas, verduras, cebollas, ajos y flores, al pie del basurero. De cara al futuro, Miguel no tiene ninguna preferencia. Ni mar, ni labradío, ni máquinas. “Cuando pueda, me marcharé de aquí, eso es todo”, dice señalando el vertedero. Y emprende una carrera que levanta a su paso una nube de gaviotas. “¡Son más de mil!”, grita en la lejanía.

RIVAS, Manuel. El periodismo es un cuento. Madrid: Alfaguarra, 1997.p.133-134.

**b) Leia o texto abaixo e, a seguir, faça a sua versão para o espanhol.**

**Consumidores do século XXI, cidadãos do XVIII**

Este livro tenta entender como as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania. Estas sempre estiveram associadas à capacidade de apropriação de bens de consumo e à maneira de usá-los, mas supunha-se que essas diferenças eram compensadas pela igualdade em direitos abstratos que se concretizava ao votar, ao sentir-se representado por um partido político ou um sindicato. Junto com a degradação da política e a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortalecem. Homens e mulheres percebem que muitas perguntas próprias dos cidadãos \_\_ a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses \_\_ recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos.

Num tempo em que as campanhas eleitorais se mudam dos comícios para a televisão, das polêmicas doutrinárias para o confronto de imagens e da persuasão ideológica para as pesquisas de *marketing*, é coerente nos sentirmos convocados como consumidores ainda quando se nos interpela como cidadãos. Se a burocratização técnica das decisões e a uniformidade internacional imposta pelos neoliberais na economia reduzem o que está sujeito a debate na orientação das sociedades, pareceria que estas são planejadas desde instâncias globais inalcançáveis e que a única coisa acessível são os bens e as mensagens que chegam a nosso própria casa e que usamos “como achamos melhor”.

**O próprio e o alheio: uma oposição que se desfigura**

Pode-se perceber o caráter radical destas mudanças examinando a maneira como o significado de certas expressões do senso comum foi variando até não terem mais nenhum sentido. Em meados deste século, era freqüente em alguns países latino-americanos que uma discussão entre pais e filhos sobre o que a família podia comprar ou sobre a competição com vizinhos terminasse com a seguinte máxima paterna: “Ninguém está satisfeito com o que tem”.

CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos, conflitos multiculturais da globalização. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.



Realização



F U N D A Ç Ã O  
GETULIO VARGAS

---

**FGV PROJETOS**

<http://concurso.fgv.br>